

INSEPULTA

CECILIA CARNEVALE

© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
INSEPULTA

Publicado nos EUA e na UE
Primeira impressão 2026 (1.ª edição)
Referência Interna SP2026.23 | 14.05.2026 | 21:59
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



Para quem foi enterrado antes do tempo.

Prólogo

A primeira coisa que fiz foi apagar o nome dele da capa.

Não por piedade. Não por vingança. Por necessidade.

O ficheiro estava aberto no ecrã havia dezasseis minutos. Tempo suficiente para uma cópia automática, duas leituras remotas e uma pergunta de Londres. A sala digital marcava três acessos activos: Milão, Lisboa, Tel Aviv. O quarto era meu, mas naquela noite parecia arrendado a todos os que tinham tocado na história antes de mim.

Chovia contra os vidros do apartamento. Não forte. O bastante para sujar a luz da rua e tornar menos nítidos os carros parados junto ao passeio. Eu tinha deixado uma mala pequena atrás da porta, fechada, com roupa para dois dias e uma segunda carteira dentro do forro. Na mesa estavam o manuscrito dele, impresso em folhas soltas, uma *pen* com etiqueta branca, três fotografias, duas procurações digitalizadas e uma cópia parcial de um despacho que ninguém me devia ter enviado.

O título dele ainda lá estava.

“RECONSTRUÍDO.”

Passei o cursor por cima da palavra e fiquei a olhar para ela.

Era uma palavra de homem salvo por si próprio. Tinha disciplina, vaidade, sofrimento e aquela esperança quase ofensiva de que tudo o que se parte pode voltar a ter forma se for narrado com talento bastante. O Octávio sempre acreditou demasiado no poder das suas frases. Mesmo quando dizia que não. Sobretudo quando dizia que não.

Apaguei.

Escrevi:

“INSEPULTA.”

A palavra ficou mais tempo do que eu esperava.

Não era bonita. Ainda bem. As palavras bonitas deixam-se usar depressa.

O telefone vibrou.

Londres.

Não atendi.

Voltei à primeira página. O prólogo dele começava com nomes, portas, morte oficial, papéis, acessos, tecnologia, mulheres, homens e o velho truque de chamar expediente à violência. Estava bem escrito. Esse era o perigo. Um homem como o Octávio escreve bem até quando está a fugir de

si mesmo. Dá forma ao dano, dá ritmo à culpa, escolhe a frase exacta para parecer menos responsável pela parte que alimentou.

Li o parágrafo onde ele me deixava no meio da história como se eu fosse uma aparição.

No meio disto estava ela.

Ou elas.

Fechei os olhos.

Não por dor. Por controlo.

Quando os abri, o ecrã continuava ali. O cursor piscava no lugar onde ele me tinha deixado. Era uma gentileza típica dele: colocar uma mulher no centro da frase e ficar com a chave da sala.

Eu tirei-lha.

A segunda coisa que fiz foi abrir o índice das provas.

Não havia ordem inocente nos documentos. Nunca há. Quem organiza primeiro já está a contar uma história. Ele pusera a própria morte antes dos hotéis, os hotéis antes das chamadas, as chamadas antes das mulheres e as mulheres antes do dinheiro. Era uma ordem defensável. Não era a minha.

Arrastei Veneza para cima.

Depois Trieste.

Depois Liubliana.

Depois Viena.

Depois Zurique.

Depois Porto.

Depois Braga.

A sequência já não era dele. Gostei disso.

No rodapé do ecrã apareceu uma notificação.

“TEL AVIV abriu: pasta /HOTÉIS/NÁPOLES.”

Fiquei quieta.

Não havia nomes naquele acesso. Só iniciais, hora e uma permissão que eu própria criara seis horas antes. Mesmo assim, soube quem era. Há pessoas que entram num ficheiro como entram numa sala: sem tocar em nada durante os primeiros segundos, só para que os outros entendam que podiam tocar se quisessem.

A fotografia de Nápoles estava em cima da mesa, virada para baixo.

Não a virei.

Ainda não.

Peguei na primeira folha impressa do manuscrito. O papel tinha uma marca cinzenta no canto, falha da impressora. A frase dele estava sublinhada a lápis por uma mão que não era a minha:

INSEPULTA

“Se isto vos chegou às mãos, então morri a tempo ou falhei a última saída.”

Ri-me uma vez.

Pouco.

Era uma boa frase. Demasiado boa para não ser suspeita.

O Octávio escrevia como quem deixava instruções para ser encontrado no caso de não sobreviver. Mas também escrevia como quem queria escolher a forma da própria autópsia. Morto, vivo, desaparecido, útil, culpado, amado, traído. Desde que fosse ele a ordenar os instrumentos, aceitava quase tudo.

Eu não aceitei.

A terceira coisa que fiz foi criar uma pasta nova.

“CECILIA_ORIGINAL.”

O nome era absurdo. Deixei-o.

Dentro dela, coloquei o que ele não tinha posto no manuscrito. A reserva do Gritti vista do balcão, não do quarto. O *token* de Trieste antes de chegar ao endereço dele. O *badge* branco apagado em Liubliana. O registo de Viena com a data errada. A folha de Nápoles que ele julgou ficar sobre a mesa. A linha da Hadria. O nome da Marta deslocado duas cadeiras para dentro de uma reunião em Braga. A denúncia do Pomar Dourado. O arquivamento. O talão dos limões.

O telefone vibrou outra vez.

Desta vez era Lisboa.

Mensagem curta:

“Convém saberes quem já leu.”

Escrevi:

“Sei.”

Apaguei.

Não respondi.

Levantei-me e fui até à janela. Do outro lado da rua, um homem fumava debaixo da varanda do prédio em frente. Casaco escuro, cabelo curto e telefone na mão esquerda. Podia ser ninguém. Àquela hora, em Milão, quase todos os homens de casaco escuro parecem vigiar alguma coisa, mesmo quando só esperam que a chuva passe.

Fiquei afastada da luz.

O homem não olhou para cima.

Voltei à mesa.

A quarta coisa que fiz foi abrir o ficheiro das mulheres.

Era assim que o Octávio o tinha chamado numa versão antiga, antes de perceber que o nome o comprometia mais do que as fotografias. Depois

mudou para “Anexos pessoais”. Piorou. Os homens têm uma capacidade extraordinária para tornar a culpa arquivável.

A Marta aparecia em três lugares. Numa lista, numa nota de reunião, numa fotografia tirada de longe à entrada de uma fundação.

Na fotografia, não olhava para a câmara. Tinha uma pasta contra o peito, o casaco fechado e a cabeça ligeiramente inclinada, como quem ouve uma coisa até ao fim. Não havia pose. Isso incomodou-me mais do que teria admitido.

Toquei na fotografia com a ponta do dedo.

Não devia ter ciúmes de uma mulher que entrara tarde.

Tive.

O ciúme, quando é honesto, tem pouca elegância. O meu não a teve. Veio estreito, físico e quase ridículo. A ideia da Marta sentada perto dele, a ouvir a voz dele antes de saber o que aquela voz fazia a uma sala, incomodou-me mais do que as ameaças, os fundos, os validadores e os homens pagos para seguir homens mortos.

Fechei a fotografia.

Abri a denúncia.

O Pomar Dourado aparecia com o logótipo cortado pela margem. Uma cadeia de supermercados com nome de frutaria e reflexos de empresa ofendida. A história era pequena, ou queria parecer pequena. Preço na prateleira. Preço na caixa. Reclamação no livro. Denúncia criminal. Arquivamento.

A empresa não queria os limões. Queria o custo. Queria baixar-lhe a cabeça. Queria que lhe chamassem criminoso.

Erro.

Anotei no ficheiro:

“Estão fodidos.”

Guardei.

Depois apaguei a frase.

Parecia conclusão. Ainda era cedo.

A chuva aumentou.

No corredor, alguém passou diante da minha porta. Passos lentos. Não eram de vizinho. Um vizinho anda com destino. Aqueles passos mediam distância.

Desliguei a luz da mesa.

O ecrã ficou a iluminar-me as mãos.

Milão recebeu a escrita.

Londres continuava em leitura.

Tel Aviv abriu a pasta do Pomar Dourado.

INSEPULTA

Lisboa, finalmente, tocou no índice.

O homem no corredor parou.

Não respirei mais baixo. Isso seria estúpido. Fiquei apenas sentada, com a mão direita junto à *pen* e a esquerda sobre o manuscrito dele.

Bateram uma vez.

Não atendi.

Bateram outra.

O telefone vibrou no mesmo instante.

Mensagem sem número:

“Não abras.”

Olhei para a porta.

Depois para o manuscrito.

O Octávio teria aberto. Não logo, talvez. Mas abriria. Tinha essa vaidade dos homens que confundem risco com confirmação de importância.

Eu levantei-me sem ruído e fui buscar a mala.

Dentro do bolso lateral, tinha o segundo telefone. Liguei-o. O ecrã pediu o código. Escrevi os seis números que nunca guardara em lado nenhum.

A chamada saiu para um contacto sem nome.

Atenderam do outro lado com respiração, não com palavra.

— “Estão à porta,” disse eu.

— “Quantos?”

— “Um no corredor. Talvez outro na rua.”

— “Destrói o disco.”

— “Não.”

A pausa foi breve.

— “Cecilia.”

— “Ainda não.”

— “Então sai.”

Desliguei.

Voltei à mesa e retirei a *pen*. O ficheiro no ecrã pediu confirmação de sincronização. Confirmei. A plataforma mostrou uma barra azul a avançar devagar. Devagar demais.

No corredor, a pessoa afastou-se da porta.

Isso preocupou-me mais.

Quem desiste depressa ou já tem o que queria, ou percebeu que a porta não era a entrada certa.

A barra chegou aos oitenta e sete por cento.

Pensei no Octávio no Gritti, no envelope junto ao pequeno-almoço, na mensagem que lhe enviei sem nome. Pensei na mãe dele a pôr um prato

onde já não havia filho. Pensei na Marta, que talvez ainda não soubesse em que tipo de história tinha entrado. Pensei em mim, o que é sempre menos útil do que parece.

Noventa e seis.

Noventa e oito.

Concluído.

Fechei o portátil.

A quinta coisa que fiz foi deixar a primeira folha em cima da mesa.

Não a folha dele.

A minha.

Tinha escrito apenas:

“Se isto vos chegou às mãos, ele não contou tudo.”

Dobrei o manuscrito antigo, meti-o na mala e deixei o novo ficheiro dentro da sala digital, com acessos abertos para pessoas que não deviam confiar umas nas outras. Essa era a parte necessária. A verdade, sozinha, raramente se defende. Precisa de cópias. Precisa de inimigos com interesses cruzados. Precisa, às vezes, de uma mulher disposta a parecer menos leal do que é.

Fui até à porta.

Não olhei pelo óculo.

Abri apenas o suficiente para ver o corredor vazio, o tapete ligeiramente levantado junto à soleira e uma chave caída no chão, sem argola.

Não toquei na chave.

Desci pelas escadas.

No segundo piso, ouvi uma porta abrir acima de mim. Continuei. No primeiro, o telemóvel vibrou outra vez.

Era o Octávio.

“Cecilia?”

Parei no patamar.

A pergunta dele chegou tarde, como quase tudo nele quando era importante.

Escrevi:

“Estou a corrigir-te.”

Não enviei.

Apaguei.

Escrevi outra coisa.

“Não venhas.”

Também apaguei.

No fim, deixei o ecrã sem resposta.

INSEPULTA

Sai pela porta de serviço para a rua molhada. O homem da varanda já não estava. O lugar dele tinha apenas uma beata apagada junto à sarjeta e uma mota preta estacionada sem matrícula visível.

A mala pesava pouco. Era o que me desagradava nela.

Entrei no primeiro táxi da fila.

— “*Stazione Centrale,*” disse.

O motorista olhou para mim pelo espelho, depois para a mala.

— “*Treno?*”

— “*Forse.*”

Ele arrancou.

A cidade ficou para trás em pedaços molhados de montra, semáforo, pedra, luz de farmácia e toldo fechado. No vidro lateral, vi a minha cara passar sobre as fachadas. Cabelo preso, olhos sem sono, boca sem batom. Não parecia uma mulher a escrever um livro. Parecia uma mulher a sair de uma sala antes que alguém percebesse o que faltava nela.

No telemóvel, a sala digital registou novo acesso.

Londres descarregou.

Tel Aviv duplicou.

Lisboa abriu a pasta “*CECILIA_ORIGINAL*”.

Só então guardei o aparelho.

O livro dele começava com uma morte.

O meu começa aqui: com uma mulher a roubar a versão de um homem vivo o bastante para mentir e morto o suficiente para ser útil.

Não escrevo para o salvar.

Não escrevo para o destruir.

Escrevo porque alguém tem de deixar a porta aberta no sítio certo.

E porque, se a história ficar nas mãos dele, eu volto a ser apenas a mulher no meio disto.

Eu nunca estive no meio.

Estive dentro.

1

VÉSPERA

Veneza, Itália — The Gritti Palace, quarto

Apaguei três frases no telemóvel antes de o táxi aquático encostar ao cais do Gritti. A quarta ficou curta, sem pedido e sem desculpa.

“Não aceito mais um Natal sem ti.”

Enviei-a sem nome.

O barqueiro segurou a mala pelo puxador e esperou que eu lhe desse a mão. Não dei. Saltei para a pedra molhada com cuidado, sem lhe oferecer a pequena cena de fragilidade que alguns homens ainda esperam de uma mulher a desembarcar. O frio entrou-me pelos tornozelos. Veneza, naquela manhã, estava ainda antes dos visitantes: fachadas pálidas, madeira molhada, água a bater no cais e empregados a moverem-se depressa sem parecerem apressados.

O telefone não vibrou.

Eu não precisava de resposta para saber que ele tinha lido. O Octávio reconhecia uma frase pela economia. Reconhecia-me melhor ainda quando eu não o tratava por morto.

No segundo Natal depois da morte oficial dele, a mentira já não se mantinha quieta. Para a família, talvez continuasse a ser luto. Para ele, uma espécie de disciplina. Para mim, ali no cais, era outra pergunta: se eu tinha conseguido encontrá-lo, quem mais conseguia?

A recepcionista leu a minha *carta d'identità* sem curiosidade visível. Tinha o cabelo preso com uma peça de tartaruga falsa e unhas curtas, claras e preparadas para tocar documentos sem deixar marca. No balcão, os nomes apareciam e desapareciam no ecrã com a discrição que se paga por noite.

— “A senhora Carnevale fica uma noite?” perguntou.

— “Talvez duas.”

Ela aceitou o talvez porque o cartão já tinha respondido por mim.

Enquanto procurava o meu envelope de *check-in*, rodou o ecrã meio centímetro a mais. Bastou. Vi o nome usado na reserva dele. Não era Octávio Viana. Também não era totalmente novo. Tinha

uma dobra antiga, uma pista deixada no tamanho certo para quem soubesse procurar. Durante anos chamei-lhe vaidade. Depois percebi que, por vezes, era medo de ser dividido sem resto.

O meu quarto ainda estava a ser preparado. Pedi que guardassem a mala e fui para a sala lateral, junto à janela de onde se via o cais e parte da entrada de serviço. Dali, o hotel mostrava melhor o trabalho: o porteiro que abria a porta sem olhar para o hóspede, a rapariga com flores brancas a atravessar o átrio, o empregado de auricular que falava quase sem mexer a boca e o segurança de fato escuro parado junto às molduras.

Às 07:03, a irmã dele enviara para o endereço morto uma fotografia da mesa da mãe em Vila Nova de Gaia. Eu só a vi mais tarde, mas naquela manhã sabia que alguma coisa desse género já tinha chegado ao quarto dele. A família do Octávio aprendera a falar com a ausência por objectos pequenos: uma cadeira afastada, um prato por decidir, uma fotografia sem texto. Não acusavam. Punham a mesa.

O meu telefone vibrou às 08:06.

Não era ele.

Era uma imagem, enviada por um número sem registo. Má luz, papel creme, quatro páginas sobre uma mesa que não reconheci logo. A primeira tinha o cabeçalho da Voice 4 All Consumers. A última mostrava duas linhas manuscritas em inglês.

“The case is sound.

But it’s all a façade.”

Ampliei a fotografia com o polegar.

A associação aprovava o avanço da operação em Portugal. Defesa de consumidores lesados, recolha de prova, comunicação pública e acção em tribunal. A frase sobre “sensibilidade ética” vinha antes das assinaturas, encostada a uma cautela sobre apoio tecnológico externo. Quem escreveu aquilo sabia bastante para se proteger.

Os consumidores não eram invenção. Viam-se nomes rasurados, cobranças, contratos, pessoas cansadas até aceitarem perder dinheiro para recuperar sossego. Havia dano. Havia abuso. Havia matéria para uma acção colectiva. O problema estava na preparação: serviços prometidos cedo demais, equipas, validação, relatórios,

capacidade oferecida antes de a pergunta sequer existir. A palavra financiamento não aparecia. Em vez dela, apareciam meios.

Não respondi.

Um empregado saiu do elevador de serviço com um tabuleiro de pequeno-almoço. Café, fruta cortada, *viennoiserie*, prata sem marcas de dedos e, encostado à base do açucareiro, um envelope creme sem remetente.

Levantei-me antes de decidir.

O empregado atravessou o corredor principal com o passo curto de quem levava uma instrução concreta. Fiquei junto à coluna, entre a sala lateral e a escada, com a chávena vazia na mão. O envelope no tabuleiro era igual ao da fotografia. A entrega em mão interessava tanto como o conteúdo. Alguém queria que o Octávio o visse antes de sair do quarto, antes de mudar de cidade, antes de a manhã lhe dar outra versão.

Podia ter interceptado o empregado. Bastava uma pergunta em italiano, uma hesitação sobre o número do quarto, um pedido de jornal, a queda da chávena no sítio certo. Não o fiz. Se eu aparecesse naquele corredor, o aviso mudava de dono. E eu queria saber se ele ainda sabia ler uma armadilha.

O empregado entrou no elevador. As portas fecharam. O número subiu.

A minha mensagem continuava sem resposta.

Pensei nele no quarto: camisa por abotoar, a fotografia de Gaia aberta no ecrã, o envelope ainda por tocar, aquela pausa dele antes de aceitar que o dia já tinha sido invadido. Mais tarde li a primeira frase que deixou no manuscrito. Era dele, com a saída de emergência escondida dentro da ameaça.

“Se isto vos chegou às mãos, então morri a tempo ou falhei a última saída.”

Naquele momento, no Gritti, eu não sabia a frase. Sabia que ele escreveria. O Octávio escrevia quando se via cercado. Abria um ficheiro antes de abrir a porta.

A recepcionista passou perto de mim com uma chave numa pequena capa de cartão.

— “O seu quarto estará pronto dentro de poucos minutos, *signora*.”

— “Não tenho pressa.”

Tinha. Mas não para subir.

Fui à casa de banho do átrio, tranquei-me no cubículo maior e li outra vez as fotografias. A sequência vinha demasiado arrumada: recolha de prova, tratamento técnico, tradução, comunicação pública, acção em tribunal, validador externo. No documento inteiro, financiamento não aparecia uma vez. Isso já era uma informação.

No rodapé da imagem havia um nome de ficheiro cortado pela margem. Consegui ler apenas “Adriatic” e uma sequência de números. Era Trieste. A cidade fazia sentido: discreta, perto de fronteiras, boa para uma sala digital de documentos com nome anódino e janelas viradas para armazéns vazios.

Lavei as mãos, embora não precisasse. A água quente chegou depressa. No espelho, retoquei o cabelo atrás da orelha e esperei que a minha cara voltasse a servir para o átrio.

Quando saí, o empregado do pequeno-almoço já descia. Trazia o tabuleiro sem o envelope. A prata continuava lá. A comida também.

Passou por mim sem me ver. Ou viu e guardou o que lhe competia guardar.

Atravessei o átrio e voltei ao cais. O frio ajudou. Do outro lado do canal, duas figuras pararam junto à balaustrada. Um casal, talvez. Ou duas pessoas habituadas a não parecerem juntas. Uma delas olhou para as janelas do hotel tempo a mais.

Guardei o telefone no bolso.

Não subi. Mudei de lugar no cais, junto às cordas molhadas e às malas dos hóspedes que chegavam, para ver a janela dele e quem mais se lembrasse de olhar para cima.

2

O MANDATO

Trieste, Itália — apartamento arrendado

O *token* tinha doze minutos de vida. Usei nove para entrar, dois para copiar o índice e o último para perceber que alguém queria que eu visse a segunda pasta.

A bora batia no alumínio da janela do apartamento frente ao porto velho, em rajadas curtas. Eu estava à mesa da sala, ainda de casaco, com o portátil pousado sobre uma toalha dobrada para não aquecer directamente a madeira. A cafeteira italiana fazia um ruído pobre no fogão eléctrico. O café já vinha tarde. O acesso, não.

O remetente chamava-se Adriatic Consumer Documentation Node. Um nome administrativo, sem dono visível. Abri a ligação através de uma máquina intermédia, deixei a câmara do portátil tapada e confirmei o relógio no canto do ecrã.

Doze minutos.

Em Veneza, dois dias antes, eu vira o envelope subir num tabuleiro de pequeno-almoço e descer depois nas mãos de um empregado que olhava para esquecer. O Octávio, no quarto do Gritti, leu aquilo como aviso. Eu, no cais, li outra coisa: ele não era o único a poder ser encontrado. A nota manuscrita, “*The case is sound. But it’s all a façade.*”, parecia escrita por alguém que já não precisava de se proteger muito.

Agora havia duas pastas no ecrã.

“*CONSUMER HARM — PT.*”

“*MARKET CONTEXT / STRATEGIC EXPOSURE — CONFIDENTIAL.*”

Copiei primeiro o índice. Os ficheiros ficavam para depois; precisava de saber a disposição da sala digital antes de gerar mais acessos.

Abri a primeira pasta.

Os consumidores estavam lá. Não vinham como pretexto para uma apresentação. Vinham em contratos, débitos, gravações transcritas, cartas de cobrança, respostas automáticas e pequenas humilhações acumuladas. Uma mulher de sessenta e nove anos, em Braga, pagara uma regularização por um serviço que nunca pedira e cortara na medicação desse mês. Um homem de Viseu passara três tardes ao telefone para cancelar uma

atualização vendida como obrigatória e acabara por aceitar metade da cobrança para recuperar paz. Setúbal, Porto, Faro. Mudavam nomes e cidades; o esquema repetia-se.

Conheço teatro de lesado. Aquilo não era teatro.

O relógio passou para oito minutos.

Abri a segunda pasta.

Aí já não havia a voz cansada de quem tenta cancelar um serviço. Havia notas de cenário, exposição reputacional e uma concorrente formalmente ausente a comprar informação sobre risco de consumo. O dinheiro não aparecia com o nome dele. Vinha repartido por tecnologia de triagem, consultoria regulatória, validação externa, formação de equipas e apoio metodológico. Cada rubrica, lida sozinha, passava por ajuda. No mesmo índice, já apontava noutra direção.

Uma associação pequena precisa de meios. Precisa de gente que leia milhares de páginas, traduza contratos, agrupe queixas, encontre padrões e prepare prova sem transformar vítimas em ruído. Essa parte era defensável. A outra estava no calendário. A prioridade não vinha apenas do dano. Vinha da utilidade que esse dano podia ganhar.

O café ferveu na cozinha e começou a sujar o fogão. Deixei-o subir. Limparia depois, se ainda fizesse sentido.

Dentro da pasta estratégica encontrei a certificação metodológica. Vinte e três páginas, linguagem cuidada, independência, amostragem, cadeia documental. No topo, em letra pequena, vinha o carimbo digital.

“Hadria Method Review AG.”

Parei.

A Hadria constava como desaparecida anos antes, pelo menos nas bases em que se procuram sociedades extintas. Eu conhecia o nome por outro circuito, anterior ao Octávio e anterior à morte oficial dele. Tinha mudado de registo, ou alguém tinha guardado a marca para a usar mais tarde.

O telefone vibrou em cima da mesa. Número suíço, sem nome.

Atendi.

— “Entraste?” perguntou o Álvaro.

— “Entrei.”

— “A segunda pasta não era necessária.”

— “Então porque estava à vista?”

Do outro lado, uma folha mexeu. O Álvaro fazia isso quando queria parecer menos disponível do que estava.

— “Não faças perguntas que te ponham no perímetro errado.”

— “Quem mais recebeu o *token*?”

— “As pessoas necessárias.”

— “Ele?”

A pausa chegou tarde.

— “Ainda te interessa demasiado.”

— “Responde.”

— “Não és a única a querer mantê-lo vivo.”

Desliguei antes de lhe dar a satisfação de outra pergunta.

O relógio marcava quatro minutos.

Entrei nos metadados.

A aprovação formal da Voice 4 All Consumers datava de 24 de Dezembro. A pasta-mãe do pacote de dano português fora criada a 11, às 06:42, por um utilizador externo identificado como “pt_field_ops_03”. No dia 12 já havia primeira revisão. No dia 13, classificação por grupos de dano. No dia 14, tradução sumária dos elementos sensíveis. No dia 15, grelha de priorização mediática. No dia 16, uma nota chamada “*narrative consistency review*”.

Essa expressão devia ter feito alguém levantar-se da mesa. Ninguém se levantou.

A causa ainda não tinha sido formalmente aprovada e já alguém lhe corrigia a narrativa.

Copiei as datas à mão num bloco pequeno. Não confio em capturas quando não sei quem preparou o acesso. A caneta falhou no primeiro número. Sacudi-a uma vez, escrevi por cima e continuei.

Depois encontrei os registos de estadias e despesas.

Reservas em Braga para formação de equipas de recolha, emitidas antes da deliberação formal. Uma minuta de perguntas e respostas para porta-vozes. Um modelo de nota de imprensa marcado para activação posterior à aprovação. Salas, quartos, *transfers* e jantares atribuídos a pessoas que, no papel, ainda não existiam no projecto.

Uma linha ficou destacada sem precisar de cor.

Liubliana. Sala técnica. *Badge* branco. Sem imagem.

A reunião ainda não tinha acontecido e já estava montada: sala, cartão, acesso de serviço. O Octávio ia gostar da posição. Voz sem rosto, juristas a tomar notas, a sala a preencher o vazio diante de um homem que oficialmente continuava morto. Ele chamaria àquilo prudência. Eu conhecia o prazer que havia ali. Detestava ser usado, mas ficava mais atento quando alguém lhe provava que ainda era necessário.

Faltavam noventa segundos.

Voltei à pasta dos consumidores e abri três transcrições ao acaso. Fiz isso para não me deixar convencer depressa demais pela segunda pasta. Se eu olhasse só para a engrenagem, perdia de vista as pessoas que a tornavam

útil. Havia ali abuso comercial, gente cansada, consentimentos arrancados por desenho e cancelamentos tratados como percursos pagos ao minuto.

Fechei as transcrições.

A segunda pasta continuava aberta por trás.

Recebi uma mensagem sem remetente.

“Não o avises antes de ele entrar.”

Li-a uma vez. Apaguei-a.

Não chamei a isso submissão. Eu queria ver se ele perceberia a armadilha ou se se inclinaria para dentro dela, como fazia sempre que uma coisa difícil lhe oferecia utilidade. Mais tarde dei outro nome a essa decisão. Naquele minuto foi apenas isto: deixei-o entrar.

O *token* expirou.

O ecrã fechou a sessão e devolveu-me à área de trabalho vazia. O café já tinha derramado para a chapa e deixara uma mancha escura em volta da base. Fui à cozinha, desliguei o fogão e passei um pano molhado por cima. O pano ficou castanho. A cafeteira, inútil por uma manhã.

Quando voltei à mesa, a máquina intermédia avisou-me de uma nova marca de acesso na sala digital.

Outro *token*. Outro utilizador.

O alias não era dele, mas a hora era. A forma também. Primeiro a pasta de dano. Demorou mais do que um homem impaciente demoraria e menos do que um homem sem culpa devia demorar. Depois abriu a pasta estratégica.

Fiquei a olhar para a linha de registo até ela desaparecer da lista activa.

O Octávio julgava entrar num dossiê.

O dossiê já o tinha incluído.

Guardei o bloco, copiei para papel a referência de Liubliana e fechei o portátil sem desligar a máquina intermédia. Antes de sair, deixei a segunda pasta marcada no índice que ele veria de novo, caso voltasse a entrar pela mesma porta.

A bora recomeçou contra a janela, mais forte, e o porto velho lá fora manteve as guas imóveis. Peguei no telemóvel para lhe escrever. Tinha a frase pronta, seca, suficiente.

“Não entres.”

Apaguei-a.

Comecei antes a procurar hotéis em Liubliana com salas interiores, vidro fumado e acesso de serviço.

3

O CONSULTOR INVISÍVEL

Liubliana, Eslovénia — hotel de negócios e estação

Às onze e vinte e nove, antes de ele dizer bom dia, apaguei do sistema o nome que o hotel associara ao *badge* branco.

O rapaz de informática não levantou a cabeça. Tinha auriculares grandes, camisola preta e acne mal tratada junto ao maxilar. A sala de operações ficava atrás da lavandaria, entre um armário de *routers*, uma impressora de etiquetas e um quadro com horários de limpeza. No monitor dele, o hotel aparecia em rectângulos pequenos: corredores, escadas, elevadores, uma parte do átrio, a entrada das cargas e a sala de reunião onde cinco pessoas começavam a ocupar lugares.

— “Só o nome?” perguntou ele.

— “O nome e a hora de emissão.”

— “O *badge* deixa de existir?”

— “Deixa.”

Olhou para os duzentos euros junto ao teclado. Carregou em três campos, esperou que o sistema aceitasse a alteração e apagou a associação entre o cartão branco e a reserva técnica criada para ele. No registo interno, ficaria apenas um *badge* temporário de serviço, emitido por erro e fechado ao fim da manhã. Dava-lhe tempo. Dava-me a mim mais alguns minutos para perceber quem, naquela sala, repararia na ausência.

Apontei para o rectângulo dos elevadores.

— “Qual deles serve o quarto piso sem passar pelo átrio?”

O rapaz aproximou-se do monitor.

— “O de serviço.”

— “Bloqueia-o entre as doze e quarenta e as doze e quarenta e cinco.”

Dessa vez levantou a cabeça.

— “Isso fica registado.”

— “Então chama-lhe manutenção preventiva.”

Ele olhou para o teclado, depois para os duzentos euros que já não estavam exactamente onde eu os deixara.

— “E se alguém chamar?”

— “Não responde.”

— “Isso também fica registado.”

— “Então responde tarde.”

No monitor, o elevador de serviço continuou parado no piso menos um. Uma porta fechada é uma coisa vulgar. Uma porta fechada no minuto certo é outra espécie de documento.

A estação ficava a duzentos metros e fazia tremer as janelas em intervalos curtos: rodas sobre carris, anúncios cortados, gente de passagem com malas pequenas. O hotel vivia desse trânsito. Tinha salas para reuniões discretas, empregados prontos a esquecer apelidos e uma zona técnica suficientemente desarrumada para esconder pessoas que não queriam subir pelo átrio.

Eu não tinha ido a Liubliana por impulso. Depois de Trieste, já sabia que a pasta dos consumidores era séria e que a segunda pasta existia para outro dono. Sabia também que a Hadria voltara a aparecer com outro nome, outra roupa e a mesma utilidade. O Octávio, pelo contrário, ainda se permitia a vaidade de achar que entrava na sala por cima do dispositivo. Detestava ser usado. Gostava de ser necessário. Nessa manhã, as duas coisas estavam demasiado próximas.

O Aleš Vidic entrou na sala técnica às onze e dezassete. Cumprimen-tou-me sem nome.

— “A senhora fica aqui?”

— “Fico onde não atrapalhar.”

Olhou para o rapaz da informática, para o dinheiro que já tinha desaparecido da mesa, para mim. Decidiu não ligar os pontos.

— “O som está pronto.”

— “Ele?”

— “Na sala de trás.”

O Aleš tinha mãos muito cuidadas para um homem apresentado como facilitador técnico-linguístico. Pouco nele era de hotel, salvo a capacidade de dizer SIM sem se comprometer com a resposta. Formalmente, garantia gravação, tradução e circulação documental. Na prática, levaria a alguém o que importava: quem hesitou, quem perguntou cedo demais, quem olhou para o vidro.

No monitor maior, a sala principal estava aberta. A Federica Sandri chegou primeiro, sobretudo escuro, pasta de cartão grosso debaixo do braço, passo curto. Não trazia portátil. O Rui Madureira Ferrás entrou logo depois, com o portátil já acordado e a gravata azul demasiado apertada para aquela hora. Tinha o cansaço de quem sabe que uma associação pequena está prestes a tocar dinheiro grande.

O Paulo Duarte apareceu às onze e vinte e um. Eu já o tinha visto no corredor do piso intermédio, parado perto das máquinas de gelo, sem

instrução do hotel e sem ar de perdido. Não procurava a sala. Esperava uma voz. Pousou o telemóvel virado para baixo e escolheu a cadeira próxima da porta. Homem que ensina direito e se senta a medir saídas raramente está ali apenas para ouvir.

A Mariola Ruiz chegou sem olhar para o vidro fumado. Escreveu a data no caderno antes de abrir a pasta. Guardei esse gesto. Em reuniões montadas por outros, a data costuma ser a primeira coisa a ficar incómoda.

Às onze e trinta, o Aleš carregou no botão.

A voz dele saiu pela sala sem corpo.

— “Bom dia.”

Não precisei de o ver para saber a posição em que estava. Ombros ligeiramente inclinados para a mesa, mão esquerda perto do papel, água por abrir, aquela respiração controlada de homem que entra no risco pela porta da competência. A ausência de rosto dava-lhe poder. Ele sabia. Usava isso melhor do que admitia.

— “A partir deste momento assumam três coisas,” disse. — “A causa é legítima. Há consumidores reais, dano real e matéria para acção colectiva. O financiamento não é inocente. E todos sabemos perfeitamente o papel de cada um.”

A Federica não escreveu na primeira frase. O Rui escreveu na terceira. O Paulo levantou só o maxilar. A Mariola continuou imóvel.

Ele falou de contratação de estudos, separação entre recolha de prova e campanha pública, ferramentas de análise, validadores, registos de deslocações. A parte técnica era defensável. Uma associação sem meios precisa de peritos, tradutores, equipa, classificação de queixas, triagem de contratos. O problema estava em quem decidia a ordem e em que momento essa ordem deixava de pertencer aos lesados.

— “A tecnologia serve para transformar ficheiros em material legível,” disse ele. — “Se a usarem para fabricar prova, vai correr mal.”

A Mariola levantou a cabeça.

— “Quem controla a parametrização?”

— “Quem desenha o modelo não decide o alvo. Quem decide o alvo não toca no modelo.”

No meu caderno escrevi: separação tardia.

Quando ele chegou ao validador externo, o Aleš tomou nota. Até aí limitara-se a vigiar a mesa. A palavra bastou. A Hadria não foi dita, mas entrou no quarto andar do hotel com todos eles a fingirem que ainda não a tinham visto.

O Paulo Duarte esperou pelo dinheiro. Tinha paciência de professor e curiosidade de advogado.

— “Senhas de presença pagas por quem apoia tecnicamente a associação podem parecer compra indirecta,” disse.

O Octávio não lhe deu a satisfação de recuar.

— “O problema não está na senha. Está no circuito documental. Se o dossiê dos consumidores, o *procurement* metodológico, o validador e o interesse concorrencial viverem na mesma pasta, falharam.”

O Paulo insistiu no artigo 10, no financiador concorrente, na independência do representante da classe. O Octávio respondeu com jurisprudência bastante e com dureza calculada. Da minha cadeira, junto aos cabos e à impressora de etiquetas, eu via outra coisa: uma sala a receber instruções para resistir ao escrutínio sem ter de tocar na intenção.

A Federica fez a pergunta que prestava.

— “Se bem entendi, o mecanismo pode estar contaminado desde o início e não há problema, se houver depois afastamento documentado. É isso?”

A câmara apanhou-lhe a mão esquerda em cima da pasta, dois dedos tensos sobre o cartão.

— “É obrigação da associação ganhar distância,” respondeu ele.

— “Com que custo?”

— “Com o custo de recusar certas ajudas e de fragmentar certos serviços.”

A Federica assentiu. Não concordou. Reconheceu o ponto e guardou-o.

Ele continuou mais vinte minutos. Falou de registos de hotel, deslocações, salas, aprovações, datas, erros que um jornalista encontraria antes de um juiz cansado. Disse-lhes que uma cadeia documental curta e estável valia mais do que um desenho demasiado fino no papel. O Rui escreveu isso quase palavra por palavra. Vi-lhe a caneta acelerar. Alguém, mais tarde, usaria aquela frase sem se lembrar do tom em que nasceu.

Às doze e vinte e sete, ele parou.

— “Perguntas.”

O Paulo foi directo.

— “Quem o contratou para esta reunião?”

— “A pergunta não interessa à vossa execução.”

— “Interessa-me à independência.”

— “A vossa independência nasce do que fizeram. E do que não fizeram.”

O Paulo perdeu meio grau de cortesia. Foi pouco, mas bastou.

A Federica perguntou se a linha era estreita. O Octávio respondeu que a linha já vinha estreita e que só lhes cabia andar com os olhos abertos. A

frase serviu-lhe. Conhecia-lhe esse segundo de satisfação quando a exactidão lhe saía à primeira.

Às doze e quarenta e seis, o microfone fechou.

Na sala principal, ninguém se levantou logo. Esse atraso interessou-me mais do que as perguntas. O Rui guardou o portátil devagar. A Mariola fechou o caderno. A Federica saiu sem olhar para o vidro. O Paulo ficou sentado, a pasta ainda aberta, os olhos no vidro fumado.

Depois falou.

— “Desculpe.”

O Aleš parou à porta da sala de trás. Eu também, na sala técnica, com a mão ainda por cima do rato.

— “Já trabalhámos juntos antes do acidente?” perguntou o Paulo.

A palavra atravessou os monitores sem pedir licença.

Acidente.

Não disse morte. Não disse Sicília. Não disse água. Disse a palavra prudente, a que se usa quando se quer testar a memória sem assinar a suspeita.

O telemóvel dele continuava virado para baixo em cima da mesa. Não se mexeu. Não precisava. O ecrã tinha acordado uma vez, minutos antes, com uma luz mínima, e voltara a apagar-se depressa demais.

Toquei no ombro do rapaz da informática.

— “Áudio.”

Ele olhou para mim.

— “Agora?”

— “Agora.”

Carregou em duas teclas. Na sala principal, a voz do Octávio morreu durante três segundos e foi substituída por um ruído branco, baixo, técnico e quase desculpável. Uma falha. Uma interferência. Uma dessas pequenas incompetências que são fáceis de justificar.

O Paulo não olhou para o tecto. Não olhou para o Aleš. Olhou para o telemóvel.

Foi aí que tive a certeza.

Não queria a resposta. Queria a reacção.

O Octávio não respondeu. Fez bem. Fez tarde. A voz dele já tinha entregue mais do que uma cara entregaria a uma pessoa como o Paulo Duarte.

O Aleš entrou para recolher o equipamento. No monitor do corredor, vi o Octávio a pedir o registo de entradas. Eu tinha visto a linha antes dele: “o Paulo Duarte, aguardou no piso intermédio sem instrução da casa.” Não a escrevi. Também não a apaguei.

O rapaz da informática olhou para mim.

— “Quer que limpe as câmaras?”

— “Ainda não.”

— “Depois fica mais difícil.”

— “Agora quero ver.”

No ecrã das escadas, o Octávio saiu pela rota errada. O percurso previsto era simples: escada técnica, porta lateral, carro na segunda esquina. Ele ficou. Pediu papel. Leu uma linha. Perdeu tempo a confirmar aquilo que já devia saber.

Quando desceu pelo corredor lateral, outro homem apareceu dois lanços acima. Trinta e poucos anos, cabelo curto, casaco escuro e auricular transparente. Não era o Paulo. Também não vinha com a pressa de quem quer apanhar alguém. Mantinha a distância exacta para obrigar o Octávio a escolher saída.

— “Quem é?” perguntou o rapaz.

— “Não é do hotel.”

— “Chamo a segurança?”

Olhei para o monitor. O Octávio continuava no corredor lateral. À frente dele, a porta corta-fogo mantinha-se fechada. Atrás, o homem do auricular descia sem acelerar. Era esse o erro bonito da coisa: quem não corre tem sempre outro a fechar a rua.

— “Câmara do corredor lateral,” disse eu.

— “Está activa.”

— “Reinicia.”

— “Agora?”

— “Agora.”

O rapaz carregou em duas teclas. O rectângulo do corredor ficou preto, depois cinzento, depois preto outra vez. O sistema escreveu uma falha curta, limpa e banal. Uma falha banal é a única espécie de milagre em que confio.

— “E o carrinho?”

Ele hesitou.

— “Qual carrinho?”

— “O da lavandaria. Manda-o sair pelo elevador de serviço.”

— “O elevador está bloqueado.”

— “Precisamente.”

Disse duas frases rápidas pelo rádio interno. No monitor da lavandaria, uma empregada empurrou um carro de roupa para fora da zona técnica. Toalhas brancas, lençóis dobrados, sacos azuis e a lentidão perfeita. O

carrinho atravessou o corredor de serviço no momento exacto em que o homem do auricular chegava ao patamar.

O homem parou.

Não muito. O suficiente.

O Octávio ainda não sabia, mas acabava de ganhar quinze segundos.

— “Abre a lateral,” disse eu.

— “A porta corta-fogo?”

— “Essa.”

— “Isso não dá.”

— “Dá.”

O rapaz olhou para mim como se os duzentos euros tivessem acabado de ficar baratos. Depois carregou numa sequência curta. No monitor, a fechadura soltou-se um segundo antes de o Octávio lhe tocar.

Ele empurrou a porta e entrou na zona de serviço.

Julgou que tinha aberto sozinho.

Deixei-o julgar.

— “Não chames a segurança,” disse eu.

O rapaz olhou para mim de outro modo.

— “Senhora?”

— “Se a segurança entrar agora, ele fica no relatório.”

Não disse o resto. Eu precisava de saber quem vinha atrás dele, quem o queria apenas visível e até onde o deixariam ir antes de fingirem que nunca lá tinham estado.

Saí da sala técnica pelo corredor da lavandaria e desci a escada de serviço. Cheguei à porta de cargas a tempo de ver o Octávio atravessar a rua sem esperar pelo sinal. Um táxi travou e buzinou. Ele não olhou. A pasta batia-lhe na coxa; corria mal, como correm os homens que ainda acreditam que a experiência compensa a idade. O outro vinha atrás, sem corrida clara, sem teatro.

A estação recebeu-os cheia. Fiquei junto à entrada lateral, entre uma máquina de bilhetes e uma mulher com uma criança a dormir no carrinho. O Octávio partiu o *badge* branco e deixou metade num cinzeiro metálico. Eu tinha apagado o nome dele. Ele apagava o objecto.

O homem do auricular entrou atrás dele no corredor das casas de banho.

Esperei.

Um empregado da estação passou com uma caixa de garrafas. Dois adolescentes discutiam uma plataforma. Um anúncio mudou no painel. Do WC dos homens veio um estrondo curto, depois uma palavra em esloveno ou croata, dita com dor suficiente para dispensar tradução.

O perseguidor saiu primeiro, de lado, uma mão na cara. O lábio sangrava. Não pediu ajuda. Não olhou para a segurança. Retirou-se.

O Octávio apareceu segundos depois no túnel das plataformas, com a manga rasgada e a pasta apertada debaixo do braço. Tinha o rosto de quem acabara de lembrar ao corpo que ainda precisava dele. Parou atrás de um pilar e respirou duas vezes, pouco, como se até o ar pudesse ser registado.

Eu podia ter atravessado a estação. Podia ter dito o nome dele e estragado tudo. Podia ter-lhe tocado no braço, confirmar vida, raiva, medo e a parte em mim que não aceitava mais um Natal sem ele. Não fiz nada disso.

Abri o telefone descartável.

Escrevi: “Não era para o apanhar.”

Enviei sem remetente.

A frase saiu de mim. O homem que o seguira, não.

Ele olhou para o ecrã. A mão segurava o telefone com força a mais. Vi-o guardar a mensagem no corpo antes de a guardar no aparelho.

Voltei ao hotel pela entrada de cargas. O rapaz da informática já tinha apagado metade do que lhe pedi e guardado a outra metade onde eu lhe indiquei. O Aleš atravessou o corredor com o estojo do microfone na mão e a cara sem expressão. Não perguntou o que eu fazia ali. O dinheiro já o tinha instruído.

— “A senhora viu o incidente?” perguntou.

— “Que incidente?”

Aceitou a resposta, ou guardou-a para vender depois.

Antes de sair, pedi a impressão do registo de entradas. A tinta falhava na última coluna. No rodapé, a linha do Paulo continuava legível: aguardou no piso intermédio sem instrução da casa.

Dobrei a folha em quatro e guardei-a no forro da mala.

À tarde comprei uma passagem para Viena e mandei procurar duas facturas antigas, uma em Milão e outra em Nápoles. A manga rasgada dele, o *badge* apagado e a pergunta do Paulo já pertenciam ao mesmo circuito. Foi a palavra acidente, não a perseguição, que me fez seguir.

4

O QUARTO 412

Viena, Áustria — hotel antigo perto do Ring

Bati três vezes na porta 412 e deixei a mão junto à madeira, à espera dos passos.

Nunca tínhamos usado aquele ritmo. Escolhi-o por isso. Se o Octávio ainda soubesse ler-me, abriria sem perguntar. Se perguntasse, eu saberia outra coisa antes de entrar.

O corredor fazia o que devia. Abafava passos e dava a cada porta tempo para abrir ou não. A alcatifa estava gasta no centro, mas limpa junto às paredes. Ninguém caminhava ali encostado. Os números brilhavam mais do que as maçanetas. Mãos interessavam menos do que aparências.

No rés-do-chão, a recepcionista confirmara a reserva sem dizer o nome. Ali, era a norma.

Bati três vezes.

A porta abriu-se.

O Octávio estava de camisa, sem gravata e com um copo baixo na mão. Vinha mais magro do que em Veneza e com os olhos piores. A manga esquerda do casaco, pousado atrás dele, tinha uma costura provisória junto ao punho. Liubliana ainda estava ali, mesmo que ele não quisesse falar dela.

Olhou para mim pela ordem errada. Primeiro confirmou que eu estava sozinha. Depois viu o envelope na minha mão. Só no fim me viu a mim.

— “Sempre me abres a porta,” disse eu.

Ele afastou-se meio segundo para tentar perceber se aquilo era um convite ou uma armadilha. Fez o mesmo de sempre.

— “Sempre.”

Entrei sem lhe tocar.

O quarto ficava no fim do corredor, como ele gostava. Cama larga, secretária estreita, cadeirão verde com o braço gasto, cortina pesada e uma gravura de caça por cima da cabeceira. Da janela via-se uma rua larga, a pedra da chuva, um eléctrico amarelo e a cruz verde de uma farmácia na esquina. Havia whisky aberto. O minibar fazia um ruído baixo. A mala dele continuava fechada junto ao armário. Um homem que quer

desaparecer não deixa a mala assim. Um homem que quer ser encontrado também não a desfaz.

Pousei o envelope sobre a mesa.

Ele fechou a porta.

— “Gostam sempre de te pôr em quartos no fim do corredor?” perguntei.

— “Gosto eu.”

— “Pois.”

Tirei as luvas, meti-as no bolso do casaco e fui à janela. Não afastei muito a cortina. O bastante para ver a rua e a entrada lateral do hotel reflectida no vidro. Tinha subido por ali meia hora antes, depois de uma conversa curta com um empregado que sabia receber dinheiro sem alterar a cara. A reserva estava num nome que o Octávio usara antes de se tornar oficialmente cadáver. Velho o bastante para ser reconhecível. Recente o suficiente para parecer um erro.

— “Como me encontraste?” perguntou.

— “Por Milão. Depois por Nápoles.”

Ele deixou o copo no móvel do minibar.

— “Então sabias.”

— “Soube o suficiente.”

— “Isso quer dizer pouco.”

— “Quer dizer que pagaste em numerário a diferença de uma reserva feita por terceiro no Santa Marta e não pediste a factura corrigida. Quarto 608. Quer dizer que, em Nápoles, Chiaia, alguém usou um nome teu com hábitos que não eram teus. E quer dizer que Viena foi fácil demais.”

A palavra fácil irritou-o. Vi-o no maxilar.

— “Andas mesmo a seguir-me?”

— “Sabias que eu te ia encontrar.”

— “Contei com isso.”

— “Sim. Foi a parte vaidosa da fuga.”

Ele quase sorriu. Não lhe dei tempo.

Abri o envelope e tirei quatro folhas. As que queria mostrar. Reservas, recibos, uma factura italiana emitida a um nome antigo e uma impressão de pagamento com duas datas demasiado próximas. Havia outra folha, dobrada no forro da pasta, com a referência a um validador suíço e uma linha de despesas que ainda não lhe entreguei. “Hadria Method Review AG”. Eu precisava de ver primeiro para onde ele olhava: para o dinheiro, para a mulher, ou para a falha.

Pus as folhas sobre a secretária por ordem.

— “Viena. Milão. Nápoles.”

Aproximou-se, mas não tocou.

— “Posso ver?”

— “Vamos falar primeiro.”

Sentámo-nos sem acordo. Ele no cadeirão verde. Eu na cadeira da secretária, de perfil para a cama. Deixei o envelope entre nós porque os objectos ajudam quando a voz ameaça ceder. Não tirei o casaco. Ainda não sabia quanto tempo ficaria.

— “Vieste para quê?” perguntou.

— “Para confirmar duas coisas.”

— “Quais?”

— “Se ainda podias ser encontrado.”

— “E a segunda?”

Bebi um gole do whisky que ele me servira sem perguntar. Água a mais. Ele lembrava-se.

— “Quem mais consegue encontrar-te.”

Dessa vez ficou quieto.

— “Encontraste alguém?”

— “Ainda estou a ver.”

Ele olhou para as folhas, depois para a minha mão.

— “Queria muito ver-te,” disse eu.

A frase saiu antes de eu a conseguir corrigir. Deixei-a ficar. Algumas frases só têm utilidade quando chegam mal defendidas.

Ele não a devolveu. O Octávio sabia pôr uma pausa no meio de uma sala e esperar que os outros se movessem à volta dela. Desta vez não me movi.

— “Continuas a escrever?” perguntei.

— “Às vezes.”

— “Ainda escreves sobre mim?”

— “Depende.”

— “Do quê?”

— “Da utilidade.”

A palavra não me surpreendeu. Doeu na mesma. Ele usava utilidade quando queria evitar palavras mais simples e mais caras. Amor. Culpa. Necessidade. A minha primeira vontade foi feri-lo. Esperei.

— “Trouxe reservas,” disse. — “Mas não vim fazer auditoria à tua cama.”

— “Então diz.”

Levantei-me e fui até à ponta da cama. Sentei-me ali porque precisava de mudar a sala. A secretária era trabalho. A cama era outra espécie de risco. Ele percebeu.

— “Vim pelo que não se enterra sem corpo.”

— “É isso?”

— “É uma parte.”

— “Diz a parte toda.”

Olhei para ele. A cruz verde da farmácia cortava-lhe a cara de lado, acendia e apagava, e fazia dele uma coisa intermitente.

— “Senti a tua falta. Muito.”

Ele reagiu como reagia sempre que uma frase não lhe dava saída técnica.

— “Tu não sabes do que falas.”

— “Sei melhor do que tu.”

Levantei-me. Fiquei perto dele, perto bastante para sentir o whisky no copo e o cansaço na camisa. Não lhe toquei logo.

— “Uma noite em Milão. Outra em Nápoles. Um homem que muda de hotel quando percebe tarde que há olhos no corredor. Depois Viena. Quarto 412. Fim do corredor. A mesma superstição com portas.”

— “E cá estás tu.”

— “Cá estou eu.”

— “Porque vieste mesmo?”

— “Para ver se estavas vivo.”

— “E?”

Dei mais um passo.

— “Ainda não decidi.”

Foi ele quem me agarrou primeiro. Pela nuca, com força a mais, a tentar recuperar comando antes de o perder. Deixei-o durante o tempo necessário para ele se denunciar. Depois mordi-lhe o lábio, afastei-me meio segundo e voltei de outro modo. Mais devagar. Mais meu.

O beijo tirou palavras da sala, mas não tirou as folhas da mesa. O envelope continuava ali, aberto, com as facturas viradas para a luz. O desejo não suspendia a operação. Tornava-a menos asseada.

Ele empurrou-me contra a parede junto à janela. A cortina roçou-me no ombro. Senti-lhe a mão debaixo da camisola e a respiração perto da minha garganta. Toquei-lhe no pulso. Não para o afastar. Para lhe marcar o ritmo. O Octávio confundia intensidade com posse quando estava ferido. Eu tinha aprendido a corrigi-lo sem explicar.

Na cama, despi-me sem pressa. Ele olhava como homem e como suspeito. Deixei-o olhar. A nudez nunca foi a parte mais exposta entre nós. O pior era ele perceber que eu via o que fazia enquanto me queria.

Quando entrou em mim, chamei-o pelo nome que não devia pertencer àquela cama.

INSEPULTA

— “Leilac.”

Parou. Pouco. O suficiente.

— “Continua,” disse eu.

Continuou, mas a palavra já tinha feito o seu trabalho. O corpo dele respondeu antes da prudência. O nome ainda vivia nele. Não como disfarce. Como acesso. Guardei isso sem satisfação. Testá-lo magoou-me menos do que devia e mais do que eu queria.

Passei-lhe os dedos pela cara.

— “Continuas a escrever para te reconstruíres, para deixar prova ou para te confessares?”

Ele tentou ganhar tempo.

— “Depende.”

— “Diz.”

— “Agora, para me reconstruir. Antes, para me confessar.”

A resposta vinha quase pronta, mas não era falsa. Esse sempre foi o problema nele. Raramente mentia por completo. Escolhia a parte verdadeira que lhe permitia continuar.

Depois deixei o corpo falar sem o proteger. Havia raiva, falta, ternura em sítios onde eu preferia não a encontrar e o cansaço de tocar num homem que o mundo dos outros já o tinha arrumado entre mortos. Ele quis recuperar poder pela força. Não o deixei. Quando a minha mão lhe prendeu a nuca e mudou o ritmo, ele percebeu. Não gostou. Obedeceu.

Mais tarde ficámos deitados e separados por pouco. O quarto tinha aquecido e a rua continuava lá fora, eléctricos, pneus e portas de hotel. A gravura de caça por cima da cama parecia ainda mais estúpida.

— “Não eras tu em Nápoles,” disse eu.

Ele abriu os olhos.

— “O quê?”

— “A reserva. A factura. O nome. Era teu e não era.”

— “Estás a falar de quê exactamente?”

Virei-me para ele. O lençol cobria-me até à cintura. Eu queria que a pergunta parecesse apenas ciúme. Também era ciúme. Havia uma mulher ali, mesmo que ainda fosse só um rasto de papel.

— “Falo do modo como desapareces e voltas a aparecer noutra sítio com a mesma assinatura, outro corpo por baixo e uma mulher no corredor.”

— “Isso é ficção tua.”

— “Ficção é o que fazes depois para não lhe chamar vida.”

Ele calou-se. Dessa vez a pausa dele não mandava. Recuava.

Foi à casa de banho sem acender a luz de cima. Ouvi a água correr. Fumei metade de um cigarro junto à janela, escrevi uma frase num papel arrancado do bloco do hotel e deixei-o dobrado sobre o cinzeiro de vidro. Depois apaguei o cigarro com cuidado. Não fumo quando quero parecer calma. Fumo quando preciso de ter uma coisa concreta entre os dedos.

Vesti-me por ordem. Cuecas, calças, camisola e casaco. Não queria ficar tempo suficiente para a cama fabricar uma desculpa para nós. Quando ele voltou, ainda meio desarrumado, fui à secretária.

Pousei uma das folhas dobrada sobre a madeira.

— “Lê amanhã.”

— “O que é?”

— “Uma noite em Milão. Outra em Nápoles. Outra mulher.”

Aproximou-se.

— “Quem é essa outra mulher?”

— “Hoje?”

— “Não me fodas.”

— “Hoje, contigo, eu.”

— “E nos outros dias?”

Fui buscar as luvas. Ao fazê-lo, apanhei a folha que acabara de pousar. O movimento foi pequeno. Ele olhava para a minha cara, não para a mesa. Queria uma resposta que lhe ferisse menos o orgulho. Dei-lhe outra coisa.

— “Os outros dias são outros dias.”

Ficou a meio caminho entre mim e a secretária.

— “Cecilia.”

A minha mão já estava na maçaneta. Parei.

— “O que não se enterra sem corpo continua a voltar, Octávio. Mas nem sempre com o mesmo nome.”

Abri a porta.

O corredor estava vazio, mas não me descansou. Ao fundo, junto à curva para o elevador, uma empregada empurrava um carro de roupa devagar demais. A luz do tecto tremeu uma vez. Não entrei no elevador. Desci pelas escadas.

No bolso levava a folha de Nápoles que ele pensaria ter ficado no quarto. No cinzeiro deixei o papel que ele só veria de manhã.

“Ainda escreves como se a água não te tivesse chegado aos pulmões.”